

Após 28 anos, Zak Starkey é dispensado em meio a divergências públicas e contesta versão oficial

The Who demite novamente seu baterista

O The Who voltou a demitir o baterista Zak Starkey, encerrando uma relação que durava desde 1996. A decisão, anunciada por Pete Townshend nas redes sociais, ocorre um mês após a banda britânica voltar atrás em um desligamento anterior. “Chegou a hora de mudar”, escreveu o músico, um dos líderes do grupo. O guitarrista, que também desejou sorte a Starkey em seus “novos projetos”.

Contrariado, o baterista, no entanto, tem outra versão para o episódio. Disse ter sido afastado duas semanas após ser reintegrado e afirmou que os colegas de grupo lhe pediram para dizer que saía por vontade própria. “O que seria uma mentira”, escreveu ele, reafirmando seu vínculo com a banda e negando que



Crítica explícita de Roger Daltrey motivou a primeira dispensa de Zak Starkey

seus outros trabalhos tenham interferido em sua dedicação ao grupo. “Jamais teria deixado o The Who,

uma banda que eu amo”, rebateu.

A tensão se intensificou após um show beneficente no Royal

Albert Hall, em Londres, no mês passado. Durante a apresentação da canção “The Song Is Over”, o voca-

lista Roger Daltrey criticou publicamente o desempenho de Starkey, alegando que não conseguia cantar por conta da bateria. “Preciso ouvir a tonalidade para cantar essa música, e só escuto a bateria fazendo ‘bum, bum, bum’. Não consigo cantar isso. Desculpem, pessoal.”

Dias depois, o próprio Townshend tentou amenizar o episódio, dizendo que a saída anterior se devia a mal-entendidos internos. “Não houve convite para que Zak deixasse a banda”, publicou, à época. “Tínhamos questões pessoais a resolver.”

Desde a morte de Keith Moon, em 1978, o The Who teve três bateristas principais: Kenney Jones, que o substituiu oficialmente e gravou dois álbuns com a banda nos anos 1980; Simon Phillips, que participou da turnê de reunião em 1989; e Zak Starkey, o mais duradouro dos três. Outros músicos chegaram a substituí-lo pontualmente, mas sem integrar a formação oficial.

Filho de Ringo Starr e Maureen Starkey, Zak construiu carreira longe da sombra do ex-beatle. Além do The Who, tocou com bandas como Oasis e estabeleceu-se como músico requisitado no rock britânico.

CRÍTICA / DISCO / AR

Uma grande artista

Por Aquiles Rique Reis*

Hoje trataremos do EP “Ar”, da Barbara Rodrix, lançamento do selo Pequeno Improviso, cuja capa traz apenas uma bela foto de Barbara, trabalho de uma cantora e compositora em fase luminar. Sua voz, desde sempre delicada e afinada, explode em pleno voo, alçado por ares ainda a serem descobertos pelo seu público.

Muito bem gravado, minuciosamente mixado e masterizado, o resultado é o que se pode chamar de “sonzão”. Engenharia que arrebatou a pujança da voz de Barbara, do som do violão de seis e do violão tenor, bem como do sopro do trompete.

Radicada em Portugal, Barbara fez uma temporada de shows no Brasil, em 2024, que antecedeu um single e o posterior lançamento das

seis faixas inéditas de Ar, já disponíveis nas plataformas. E foi assim, no breve tempo de uma semicolcheia vibrando em minha alma, que conheci “Ar”. A ele.

“Silêncio”: a voz vem e o violão a ampara. A capacidade interpretativa de Barbara ampliou a jovialidade que já me encantara desde que a ouvi, tempos atrás, mas precisamente em 2016, quando lançou Eu Mesma, seu primeiro álbum. Quase sussurrando a melodia, os versos brotam no terreno fértil da vida onde hoje habita a voz amadurecida e inconfundível de Barbara Rodrix.

“Santuário”: versos profundos saem da garganta de uma cantora que ao se mostrar tão pop e tão



profunda, se expõe. O arranjo tem pegada atizada por acordes que se repetem nos violões. E a poesia balança o peito do ouvinte.

“Ser”: inicia arritmo, com a voz de Barbara marcando o tempo junto com acordes do violão e o improviso do trompete que, ao final, dobra o desenho com som bestial.

“Nao Quero Muito Mais”: trompete e o tenor soam com a voz, no momento em que Barbara toca o seu objetivo de mostrar o que vem à mente da mulher sem barreiras, muito menos parti pris, assim como era o seu pai, o insubstituível Zé Rodrix.

Em “Ar”, faixa título do EP, Barbara segue seu fluxo rumo ao futuro e respira, transforma e cria. Sua voz se destaca em verdades sentidas, profundas. Já o trompete e o violão tenor se destacam pelo ardor com que vêm à cena.

“Medo”: “Todo esse medo que eu carrego aqui no peito/ Do desconhecido, da morte e da solidão/ Todo esse medo que e tao meu e que eu conheço tao bem/ Me

acompanha aonde vai meu coração (...). Valendo-se do trompete como clarim, Barbara Rodrix joga seus demônios no ar e assume compromisso com a vida e a música.

Ora, seus medos bem poderiam ficar retidos, não fosse ela uma mulher incendiária e libertadora – enfim, uma grande artista! Ouça o álbum em <https://11nk.dev/5vt3d>.

Ficha técnica

Composição, voz e violão em todas as faixas: Barbara Rodrix; trompete: Diogo Duque; produção musical e violão tenor: Raul Misturada; mixagem e masterização: Tó Brandileone; foto da capa: Lorena Dini; comunicação e design/arte final da capa: Pamela Prudente; A&R Pequeno Improviso: Otávio Carvalho; imprensa: Stella Sanches.

*Vocalista do MPB4 e escritor